

COMÉRCIO INTERNACIONAL DE CARNES: UMA ANÁLISE DOS MERCADOS BRASILEIRO E AUSTRALIANO

Amanda Elvira Resende Nunes Silva¹
Victor Henrique Lana Pinto²
Rosângela Aparecida Soares Fernandes³

RESUMO

Os fluxos comerciais do Brasil e da Austrália caracterizam estes países como grandes exportadores de alimentos e proteína animal no cenário comercial mundial de carnes. Nesse sentido, este artigo teve como objetivo analisar a competitividade do comércio internacional de carnes brasileira e australiana entre o período de 2009 a 2019. Para isto, utilizou-se o índice de vantagens comparativas reveladas e o índice razão de concentração para os produtos carnes e miudezas e carne bovina congelada. Os principais resultados indicaram que Brasil e Austrália possuem vantagens comparativas reveladas para ambos os produtos, com destaque para a performance da carne bovina congelada. Esses resultados verificaram uma competição mais acirrada e vantagens comparativas mais elevadas para esse bem em relação a carnes e miudezas. Observou-se também que as exportações brasileiras e australianas de carne bovina congelada foram altamente concentradas para seus quatro principais destinos. Já para carnes e miudezas, somente a Austrália apresentou alta concentração para seus parceiros comerciais líderes.

Palavras-chave: Comércio internacional; Brasil; Austrália; Vantagens comparativas; Razão de concentração.

INTERNATIONAL MEAT TRADE: AN ANALYSIS OF THE BRAZILIAN AND AUSTRALIAN MARKETS

ABSTRACT

The trade flows of Brazil and Australia characterize these countries as major exporters of food and animal protein in the world meat trade context. Thus, this article aimed to analyze the competitiveness of the international Brazilian and Australian meat trade between 2009 and 2019. For this, we used the index of revealed comparative advantages and the concentration ratio index for meat and edible meat offal, and frozen meat of bovine animals. The main results indicated that Brazil and Australia have revealed comparative advantages for both products, with emphasis on the performance of frozen meat of bovine animals. These results verified a stronger competition and higher comparative advantages for this good in relation to meat and edible meat offal. We also observed that Brazilian and Australian exports of frozen meat of bovine animals were highly concentrated to its four main

¹ Graduada em Administração na Universidade Federal de Viçosa – Campus Rio Paranaíba. E-mail: amanda.elvira@ufv.br

² Mestre em Economia Aplicada pelo Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa. Atualmente, doutorando em Economia Aplicada na Universidade Federal de Viçosa. E-mail: victorhlp@hotmail.com

³ Mestre e doutora em Economia Aplicada pelo Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa. Atualmente, professora na Universidade Federal de Ouro Preto - Campus Mariana. E-mail: rosangela.fernandes@ufop.edu.br



destinations. As for meat and edible meat offal, only Australia showed high concentration for its leading trading partners.

Keywords: International trade; Brazil; Australia; Comparative advantages; Concentration ratio.

JEL: F14, L11, Q17

1 INTRODUÇÃO

O comércio internacional permite a troca de mercadorias e serviços entre países que apresentam características diferentes possibilitando a ampliação de práticas e acesso à produtos, além de promover inovações tecnológicas e organizacionais (WESSELING, 2003). Considerando a sua relevância para a economia, que permite o envolvimento de pessoas, empresas, governos e países, o comércio abrange uma cadeia complexa, que disponibiliza bens e serviços para serem consumidos e também propicia o funcionamento dos setores produtivos (KRUGMAN; OBSTFELD, 2015).

Nomeadamente, o setor agrícola vem acompanhando a crescente demanda mundial por insumos alimentares que suprem as necessidades do crescimento populacional. Esta, por sua vez, confirma diretamente o fortalecimento de incentivos à modernização produtiva, acordos governamentais, melhorias logísticas para comercialização, expansão da fronteira agrícola e capacitações profissionais (SCOLARI, 2006; SAATH; FACHINELLO, 2018; CARVALHO et al., 2020).

No que tange ao lado da demanda por bens agrícolas, percebe-se que algumas economias dependem fortemente das importações de certos produtos, muitas das vezes, por não conseguirem suprir a necessidade de seus consumidores com suas capacidades de produção doméstica (USDA, 2020; WAQUIL; MIELE; SCHULTZ, 2010). Especificamente, esta percepção também pode ser observada no comércio internacional de carnes. Em 2018, por exemplo, as importações mundiais desta *commodity* ultrapassaram 119 bilhões de dólares, configurando as carnes como um dos produtos mais comercializados entre os mais variados países (TREND ECONOMY, 2020).

Os fluxos de exportação do Brasil consolidaram o país como um dos maiores produtores e exportadores de alimentos e proteína animal, tendo um complexo de carnes considerado um dos mais diversificados do mundo, atendendo 11,9% da

demanda mundial (TRENDECONOMY, 2020; SISCOMEX, 2020; BEEFPOINT, 2020). Segundo o *Atlas of Economic Complexity* da *Harvard University* (2020), os países que mais exportam carne no mundo são, respectivamente, os Estados Unidos com 12,07% da exportação mundial, o Brasil com 11,39% e a Austrália com 5,64%. Por outro lado, ao se considerar o mercado de carne bovina congelada, o Brasil se torna o maior exportador mundial com cerca de 21,66% do mercado global, seguido pela Austrália com 15,91%.

Os resultados brasileiros edificados ao longo dos anos são influenciados por diversos fatores, desde climáticos e área para pastagem até investimentos na cadeia produtiva (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA PECUÁRIA E ABASTECIMENTO - MAPA, 2020). Mesmo destinando parte da produção à demanda doméstica, a dinâmica e variedade de carnes têm proporcionado elevados fluxos de exportação em produtos como carne bovina e de frango, e o quarto lugar mundial na exportação e produção de carne suína (FAVARETTO et al., 2019).

Já no caso australiano, segundo dados do UN Comtrade (2021), entre os 10 principais produtos exportados pelo país, a carne se encontra na quinta posição deste *ranking* com 11,4 bilhões de dólares exportados no ano de 2019. Além de grande exportador desta *commodity*, principalmente bovina, a Austrália tem sido também, nos últimos quatro anos, o principal exportador de carne ovina ou caprina congelada, com uma participação no mercado de 36,3% (TREND ECONOMY, 2020).

Procópio et al. (2011) destacam o método de produção da carne australiana, considerada referência mundial pela sua forma de adequação às regularidades, transformando em qualidade agregada para a *commodity*. Os autores relatam que a Austrália apresenta também mecanismos mais avançados que contribuem para este resultado, como a rastreabilidade e as certificações internacionais. Além disso, o país consegue se precaver com incentivos preditivos governamentais para o controle de doenças.

Na literatura sobre o comércio internacional existem alguns estudos que investigam o comércio internacional de carnes⁴. Esses trabalhos expõem separadamente dados históricos sobre o setor agropecuário de diferentes países,

⁴ Ver Vicensotti et al. (2019) e Procópio et al. (2011).

bem como seus níveis de produção e exportação. Notadamente, Vicensotti et al. (2019) verificaram a competitividade da carne bovina brasileira no cenário mundial e buscaram identificar fatores que a afetaram entre 1994 e 2015. Já o estudo de Procópio et al. (2011) analisou, através de indicadores do comércio internacional, o desempenho das exportações de carne bovina brasileira e australiana entre 1998 e 2008.

Observa-se, no entanto, uma lacuna na literatura do comércio agrícola internacional enfocando trabalhos que conduzem uma investigação mais abrangente acerca do mercado de carnes tanto para o Brasil quanto para um de seus fortes competidores, como a Austrália, no período mais recente. Uma vez que o comércio mundial é bastante dinâmico, análises mais atuais permitem capturar as alterações nas relações de consumo dos países não consideradas em períodos anteriores, por exemplo. Além disso, nota-se também a escassez de estudos que investiguem as relações competitivas desses mercados não somente para carne bovina, mas também para outros tipos de carnes, que podem trazer maior completude às análises já desenvolvidas para esse setor.

Mediante o exposto, percebe-se que o Brasil e a Austrália são grandes fornecedores de proteína animal, dividindo, sobretudo, ampla parte do mercado de carne bovina congelada. Portanto, considerando o potencial produtivo desses países no setor, nota-se que uma investigação mais aprofundada desses exportadores de carnes se torna oportuna. Nesse sentido, o objetivo deste artigo foi analisar a competitividade do Brasil e da Austrália no comércio exterior de carnes entre o período de 2009 e 2019, por meio dos índices de Razão de Concentração (CR_k) e Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR). Ressalta-se que o trabalho tem o potencial de fornecer uma percepção mais abrangente do comércio de carnes desses países e que acrescenta a Vicensotti et al. (2019) e a Procópio et al. (2011) ao desagregar a análise das carnes entre carnes e miudezas e carne bovina congelada por um largo período amostral.

Por fim, destaca-se que o presente artigo está organizado em outras cinco seções, além desta introdução. Na segunda seção, apresenta-se o referencial teórico e, na terceira, os procedimentos metodológicos utilizados nas análises do estudo. Na quarta, apresenta-se os resultados e discussões, seguida pelas

considerações finais. Por último, encontram-se as referências bibliográficas embasadas para realização da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Vantagens comparativas reveladas

O comércio entre os países representa fator importante para a atividade econômica de qualquer nação, principalmente para alcançar níveis desejáveis de desenvolvimento, bem-estar e conhecimento sobre a dinâmica dos múltiplos mercados que compõem o ambiente internacional (TRIPOLI; PRATES, 2016).

Adam Smith realizou uma análise sobre as trocas entre os países não focalizando em interesses internos da nação, mas promovendo vantagens para todos os agentes envolvidos (KRUGMAN; OBSTFELD, 2015). A teoria de Smith defende o princípio das vantagens absolutas que apresenta uma balança comercial constantemente positiva, as vantagens e ganhos da livre troca, além da especialização na produção da *commodity* a qual produzem com maior eficiência (CASAGRANDE, 2018; COELHO et al., 2017; TRIPOLI; PRATES, 2016).

Aprimorando a teoria clássica, David Ricardo (1996) apresentou os princípios da vantagem comparativa para o ambiente econômico visando analisar as vantagens comerciais entre as nações. As conclusões de Ricardo enfatizaram os ganhos no comércio, estes por sua vez, são obtidos a partir da existência de vantagens comparativas, ou seja, se cada país produz apenas uma gama limitada de bens poderá produzir em maior escala o bem que promova maior vantagem comparativa.

Krugman e Obstfeld (2015) explicam que um país apresenta uma vantagem comparativa na produção de um produto ou bem, quando este possui um custo de oportunidade menor que os demais países no comércio. De modo geral, as análises considerando a vantagem comparativa demonstraram que o custo de oportunidade contribuiu para avaliar a representatividade do país na produção mundial (GALLE et al., 2020) e, principalmente, do nível de especialização nas exportações (DORNELES; DALAZOANA; SCHLINDWEIN, 2013), fator este que é capaz de provocar uma reestruturação e aumento de produtividade (DINIZ, 2017).

O modelo ricardiano fornece uma base para a teoria do comércio moderno associando a especialização com o custo de oportunidade, porém o seu grau de generalização pode ser um fator limitante para absorver as imperfeições dos mercados (DAS, 2008). Contudo, destaca-se que o modelo representa um respaldo teórico válido e seguro, uma vez que se constitui como um importante indicador de complexidade econômica tendo relevância na criação de melhores políticas e condução de atividades econômicas (LUIZ; OLIVEIRA, 2020).

Dessa maneira, por meio do método desenvolvido por Balassa (1965), o índice de vantagens comparativas reveladas consegue-se avaliar os conceitos difundidos por Ricardo ao comparar a pauta de exportação do país em detrimento das exportações mundiais para a mesma *commodity*. Grande parte dos estudos que utilizaram este método aplicaram em suas análises empíricas sobre as vantagens comparativas informações de custo ou preço buscando mensurar a eficiência da produção, e também, a disponibilidade e alocação dos recursos (SATEL, 2017).

2.2 Concentração dos fluxos de comércio

Em relação aos fluxos de exportação, Arevalo, Arruda e Carvalho (2016) identificam que o grau de concentração pode ser determinado de duas maneiras: o grau de concentração nos produtos exportados e o grau de concentração no país de destino. Assim, no que se refere aos produtos comercializados, há um poder de mercado, que pode ser caracterizado como poder de monopólio quando as exportações de um dado bem, por exemplo, originam de uma mesma região/nação produtora. Agora, quando se trata do grau de concentração nos países parceiros, de destino, nota-se a possibilidade de ocorrer um poder de monopsonio⁵; ou seja, a possibilidade de o total das importações ser feita por um único parceiro comercial (AREVALO; ARRUDA; CARVALHO, 2016).

Contudo, decorre na maioria dos mercados um número maior de compradores e, quando este número é muito grande, nenhum deles consegue

⁵ Quanto a essa classificação sobre o grau de concentração das exportações para os países de destino, ressalta-se que um mercado monopsonista é um mercado com apenas um comprador. Porém, também poderia ocorrer um mercado em que existem poucos compradores, denominado oligopsonio. Nesta configuração, os compradores detêm a capacidade de influenciar no preço de determinado bem dando margem a comercialização em preços inferiores ao empregado no mercado (CARLTON; PERLOFF, 2005).

influenciar diretamente no preço por atuarem em um mercado bastante competitivo. Desse modo, o poder de monopólio ou oligopólio surge quando o número de compradores (ou de países importadores) é limitado (CARVALHO; AGUIAR, 2005). Além do aumento do controle dos preços, conforme destacou o Mason (1939), a concentração industrial determina fatores estruturais de competição, afeta as estratégias das empresas atuantes e pode influenciar o desempenho do mercado.

Teoricamente, percebe-se, assim, que o poder de mercado alcançado através de elevados níveis de concentração não depende somente de fatores como a elasticidade-preço da demanda, por exemplo. Ele também depende da relação e da interação entre os compradores (países importadores), o que pode tornar a avaliação da competitividade mais desafiadora e relevante. Em contrapartida, para equilibrar o poder de compra, Almeida e Silva (2015) e Marques (2017) ressaltam que, mediante esse cenário, os países passam a ter como desafio conquistar novos mercados, buscando maior competitividade internacional e explorando suas capacidades produtivas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo se caracteriza como exploratório, sendo uma pesquisa quantitativa que foi realizada a partir de dados secundários, visando investigar o período entre 2009 e 2019. O período em análise complementa as análises realizadas por Procópio (2011) que investigou até o ano de 2008 a carne bovina congelada e apresenta dados mais recentes sobre o comércio internacional de carnes e miudezas.

Primeiramente, realizou-se uma análise descritiva sobre o mercado de carnes, e posteriormente explorou-se dois indicadores de competitividade do comércio internacional: o índice de vantagem comparativa revelada e a razão de concentração.

Desse modo, esta seção está dividida em três subseções. A primeira delas apresenta os procedimentos utilizados para se delinear o panorama descritivo do comércio internacional de carnes do Brasil e da Austrália. A segunda subseção exhibe os procedimentos metodológicos usados para identificar se o Brasil e a Austrália possuem vantagem comparativa revelada nas exportações de carne. Por

fim, a terceira subseção mostra a técnica usada para verificar o grau de concentração das exportações de carnes do Brasil e da Austrália.

3.1 Panorama do Comércio Internacional de Carnes Brasileira e Australiana

Para evidenciar o panorama do comércio internacional de carnes do Brasil e da Austrália realizou-se uma pesquisa descritiva aprofundada acerca das especificidades que afetam este mercado. Assim, as informações relativas aos fluxos comerciais de exportação foram analisadas, através de gráficos, a fim de observar as oscilações e variações no tempo que têm o potencial de contribuir na interpretação dos índices que compõem a pesquisa

3.2 Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR)

Para Hermida e Xavier (2012), os indicadores de vantagem comparativa são importantes para avaliar a competitividade de um país. Dentre os indicadores que possibilitam esta análise, tem-se o IVCR, que é calculado através de dados do comércio. O índice analisa a participação de um bem de determinado país em relação às exportações mundiais totais, permitindo uma comparação com os demais países exportadores do mesmo mercado (GALLE et al., 2020). Assim, o IVCR é calculado conforme a Equação (1):

$$IVCR_{ij,t} = \frac{\frac{X_{ij,t}}{X_{i,t}}}{\frac{X_{mj,t}}{X_{m,t}}} \quad (1)$$

Em que:

$IVCR_{ij,t}$ = Vantagem comparativa revelada do país i (Brasil/Austrália) do produto j (carnes⁶) no ano t (2009-2019);

$X_{ij,t}$ = Valor das exportações do país i (Brasil/Austrália) do produto j (carnes) no ano t (2009-2019);

$X_{i,t}$ = Valor total das exportações do país i (Brasil/Austrália) no ano t (2009-2019);

⁶ Corresponde aos produtos 'carnes e miudezas' e 'carne bovina congelada' conforme códigos 02 e 0202 do Sistema Harmonizado (SH) a dois e quatro dígitos, respectivamente.

$X_{mj,t}$ = Valor total das exportações mundiais m do produto j (carnes) no ano t (2009-2019);

$X_{m,t}$ = Valor total das exportações mundiais m no ano t (2009-2019).

Na situação em que o IVCR resulta valores iguais à unidade, verifica-se que o país, neste trabalho Brasil ou Austrália, apresenta condições igualitárias de produção do produto em relação ao resto do mundo. Quando o índice for superior a 1, considera-se que o país em análise apresenta vantagem comparativa revelada nas exportações do produto em relação ao resto do mundo. Valores inferiores à unidade indicam que o país possui desvantagens comparativas reveladas.

Desta forma, quanto maior o valor do índice mais vantagens possui o país. Dessa maneira, com os resultados do IVCR pôde-se comparar, neste estudo, o desempenho do Brasil/Austrália nas exportações de carnes em relação a outros países e verificar o grau de competitividade dessas economias no comércio internacional do produto analisado (DILLY, 2017).

Para Rubin, Ilha e Waquil (2008), deve-se examinar a evolução do índice anualmente ao longo de um período, sendo que quando o IVCR apresenta um crescimento significa que a competitividade do produto está em expansão. Por outro lado, uma diminuição do IVCR no tempo significa perda de competitividade. Finalmente, um índice estável significa que o país tem mantido sua competitividade neste produto.

3.3 Razão de Concentração (CR_k)

O índice CR_k representa uma medida de concentração que trabalha com as parcelas de mercado dos k principais destinos das exportações de carnes brasileira e australiana. Foram analisados os quatro principais parceiros comerciais (ou CR_4), tanto do Brasil quanto da Austrália, de “carnes e miudezas” e sua desagregação em “carne bovina congelada”, com o objetivo de identificar se as exportações destes países são concentradas em destinos específicos.

Primeiramente, obteve-se as parcelas de mercado ou *market share* das exportações de carnes do Brasil e da Austrália para cada um de seus principais parceiros comerciais, conforme apresentado na Equação (2):

$$S_{ijz,t} = \frac{X_{ijz,t}}{X_{ij,t}} \quad (2)$$

Em que:

$S_{ijz,t}$ = Parcela de mercado do país i (Brasil/Austrália) do produto j (carnes⁷) destinado ao parceiro comercial z^8 no ano t (2009 e 2019);

$X_{ijz,t}$ = Valor das exportações do país i (Brasil/Austrália) do produto j (carnes) destinado ao parceiro comercial z no ano t (2009 e 2019);

$X_{ij,t}$ = Valor das exportações totais do país i (Brasil/Austrália) do produto j (carnes) no ano t (2009 e 2019).

A partir das parcelas de mercado das exportações brasileiras e australianas de carnes para seus principais parceiros comerciais, obtidas através da Equação (2), o CR_k foi calculado conforme Equação (3)

$$CR_k = \sum_{i=1}^k S_{ijz,t} \quad (3)$$

Em que:

$CR_{k,t}$ = Grau de concentração das exportações do produto j (carnes) do país i (Brasil/Austrália) para os k (quatro) principais destinos no ano t (2009 e 2019);

$S_{ijz,t}$ = Parcela de mercado do país i (Brasil/Austrália) do produto j (carnes) destinado ao parceiro comercial z no ano t (2009 e 2019).

Ao somar as parcelas de mercado dos quatro principais destinos das exportações de carnes do Brasil e da Austrália, obteve-se o grau de concentração de mercado. Quanto mais alto o valor, mais concentrado o fluxo comercial dos k principais destinos. Ou seja, as exportações de carnes e miudezas e/ou da sua desagregação, carne bovina congelada, estavam concentradas em destinos específicos.

Foram selecionados os quatro principais parceiros comerciais de cada país (Brasil e Austrália), para cada produto (carnes e miudezas e carne bovina congelada), e por período (2009 e 2019), a fim de identificar o grau de concentração da comercialização destes bens no mercado externo. Para o Brasil, os países

⁷ Corresponde aos produtos 'carnes e miudezas' e 'carne bovina congelada' conforme códigos 02 e 0202 do Sistema Harmonizado (SH) a dois e quatro dígitos, respectivamente."

⁸ O parceiro comercial, em estudo, corresponde ao país que importou a *commodity* do país de origem, no caso, os países que importaram carnes do Brasil/Austrália.

selecionados foram, em 2009, Rússia, Irã, Hong Kong e Egito, tanto para carnes e miudezas quanto para carne bovina congelada. Para o ano de 2019, os quatro principais destinos foram China, Hong Kong, Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos quando relacionado a carnes e miudezas e China, Hong Kong, Egito e Irã para carne bovina congelada.

Por outro lado, os quatro principais destinos das exportações de carnes da Austrália em 2009 consistem no Japão, Estados Unidos, Coreia do Sul e Indonésia para carnes e miudezas e também para carne bovina congelada. Já para as análises de 2019, foram considerados para a formação do CR₄ os países China, Estados Unidos, Japão e Coreia do Sul, para ambos os produtos.

Quanto aos resultados, de acordo com padrões do grau de concentração demonstrados por Braga e Mascolo (1982), a classificação do CR (4), utilizada neste trabalho, corresponde em analisar os resultados por meio de escalas, sendo que, resultados entre 0% a 35% indicam um grau de concentração baixo, entre 35% a 50% moderadamente baixo, 50% a 65% moderadamente alto, 65% a 75% alto e, entre 75% ou mais, é considerado um grau de concentração muito alto.

Em relação a importância dos indicadores de concentração do mercado, segundo Boechat e Alves (2014), seus resultados podem variar a depender da disponibilidade de dados. Entretanto, esses indicadores avaliam o grau de concentração dos mercados sugerindo que quanto mais elevados, menores serão as concorrências de mercado.

3.4 Fonte de Dados

Os dados referentes as exportações (US\$) para o Brasil e Austrália que compõem o panorama comercial dessas economias, utilizados para os cálculos dos índices IVCR e CR_k, foram coletados a partir do UN Comtrade e *Trade Map*. Para fins de padronização e classificação dos produtos utilizou-se o Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação de Mercadorias para carnes e miudezas comestíveis e carne de animais da espécie bovina congeladas de acordo com os códigos 02 e 0202, a dois e quatro dígitos, respectivamente.

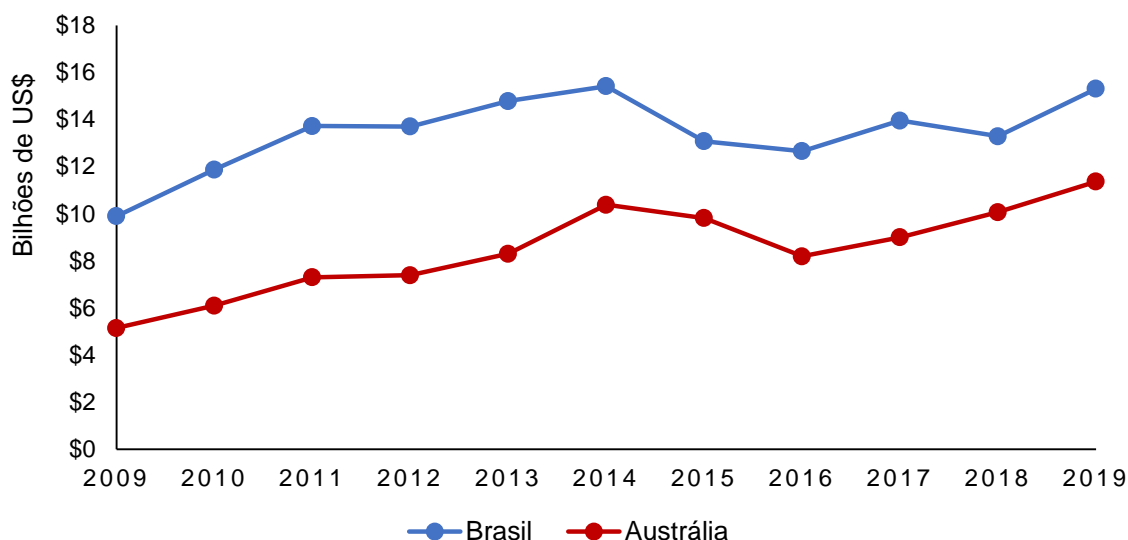
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Panorama do Comércio Internacional de Carnes

Para melhor entender o desempenho do comércio de carnes do Brasil e da Austrália no mercado internacional entre 2009 e 2019, os resultados desta subseção abordam as exportações dos dois países no período investigado. Essa análise demonstrou os fatores que podem ser determinantes à compreensão dos resultados obtidos pelo IVCR e pelo CR₄ (discutidos, respectivamente, adiante nas subseções 4.2 e 4.3). Além da representatividade dos valores transacionados em âmbito internacional, essa investigação evidenciou o perfil comercial desenvolvido por cada país no comércio de carnes e miudezas e também de carne bovina congelada que visam atender os mais variados destinos.

A Figura 1 apresenta o desempenho das exportações de carnes e miudezas tanto do Brasil quanto da Austrália entre os anos de 2009 e 2019, retratando os valores exportados (US\$) por estes países para atender as demandas internacionais por carnes.

Figura 1 - Desempenho das exportações de carnes e miudezas (SH02) do Brasil e Austrália entre 2009-2019



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do UN Comtrade (2021).

Analisando o desempenho das exportações dos dois países percebe-se, pela Figura 1, que ambos apresentaram uma performance semelhante no comércio internacional, durante o período analisado. Entre os anos de 2009 a 2014, os dois países passaram por um aumento relativamente constante nas exportações mundiais de carnes e miudezas, mas com uma desaceleração entre 2014 e 2016. Mais especificamente, a taxa de decréscimo das exportações neste período foi de 17,91% para o Brasil e 21,06% para a Austrália.

Para o Brasil, percebe-se que a retração, principalmente em 2015, pode estar relacionada à queda na quantidade exportada e, também, da diminuição do preço médio de exportação da carne (BRASIL, 2016). A queda também observada nas exportações australianas de carnes e miudezas atingiu cerca de 16,51% entre 2015 e 2016. Smith (2019) verificou que, neste período, o número de empresas na indústria de carnes e pecuária da Austrália, principalmente dos setores de processamento, atacado e varejo sofreu uma redução, o que pode estar associado ao comportamento dos fluxos de exportações do país entre 2015 e 2016, conforme mostrado na Figura 1.

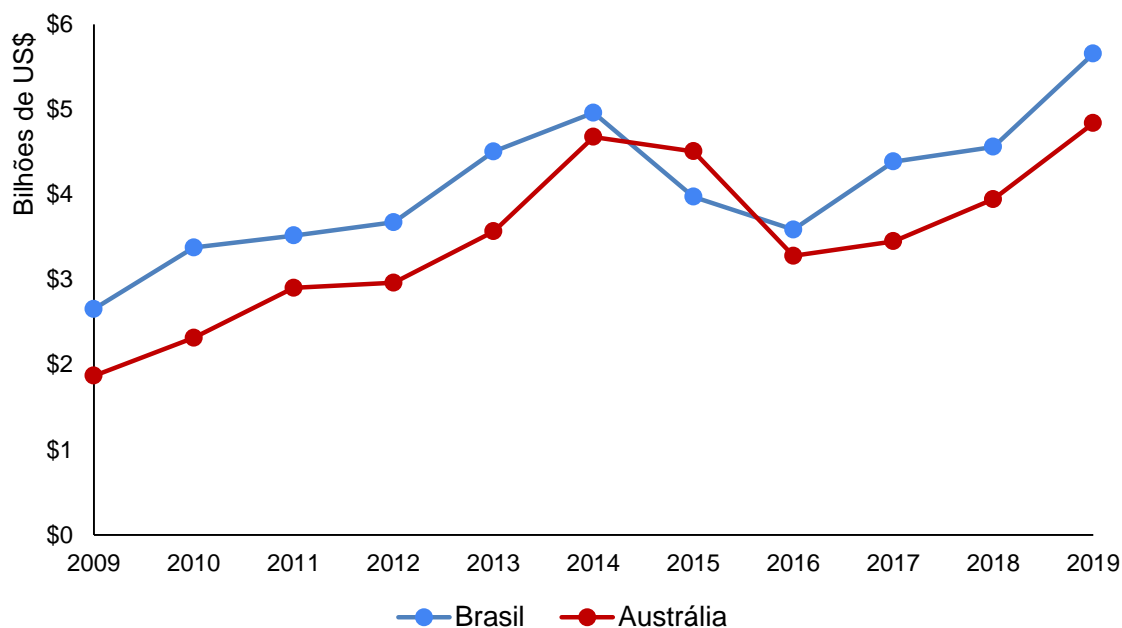
Além desse período de desaceleração nas exportações para os dois países, o Brasil sofreu também com outras variações no seu valor exportado. A Figura 1, por exemplo, evidencia no ano de 2018 uma diminuição de 4,74% nas exportações brasileiras se comparado a 2017. Mesmo o Brasil tendo volumes superiores de exportação em relação a Austrália em todos os anos, percebe-se que enquanto as exportações australianas se mantiveram em crescimento constante na maioria dos anos, as exportações brasileiras exibiram maiores oscilações entre os anos de 2014 e 2019.

Apesar das quedas nas exportações que ocorreram durante o período analisado, comparando os valores das exportações de 2009 com 2019, a taxa de crescimento dos fluxos de exportação de carnes e miudezas para cada país refletiu um crescimento favorável nas duas economias. Neste período, por exemplo, o Brasil apresentou um crescimento de 54,67%, já a Austrália demonstrou uma capacidade de crescimento bem superior, de 120,86% nos anos amostrados.

Adicionalmente, quando se analisa a carne bovina congelada, percebe-se que o dinamismo das exportações de carne vermelha bovina dos países analisados apresentou performances diferentes durante o período. A Figura 2 apresenta o

desempenho das exportações de carne bovina congelada (US\$) do Brasil e da Austrália entre os anos de 2009 e 2019.

Figura 2 - Desempenho das exportações de carne bovina congelada (SH0202) do Brasil e Austrália entre 2009-2019



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do UN Comtrade (2021).

Primeiramente, os resultados apontados na Figura 2 mostram que a diferença do valor exportado entre os dois países para carne bovina congelada diminuiu bastante quando comparado a carnes e miudezas. Nota-se que entre 2009 e 2014 o Brasil exportou, em média, mais carne bovina congelada que a Austrália. Porém, entre 2014 e meados de 2015 ocorreu uma mudança na dinâmica das exportações passando a Austrália ser a maior exportadora.

Quando analisada a carne bovina congelada brasileira e australiana, verificou-se que a competição entre esses países pode se tornar mais acirrada devido aos seus respectivos tamanhos populacionais. Essa associação se deve as diferenças no consumo interno do Brasil e da Austrália. Segundo relatório da Pricewaterhouse Coopers - PWC (2011), a Austrália apresenta, por exemplo, consumo relativamente menor em comparação com seus principais concorrentes do comércio internacional e exporta cerca de 60% da sua produção de carne bovina.

Conforme observado na Figura 2, somente no ano de 2015, as exportações australianas superaram as brasileiras, que tiveram queda de 15,18% em relação a 2014. O fato das exportações australianas apresentarem resultados mais sólidos no ano pode estar relacionado a uma liquidação significativa no estoque de bovinos no país (FARRELL, 2016). Por outro lado, o Brasil sofria as consequências das taxas de câmbio sobrevalorizadas e a alta dos preços da arroba do boi que interferem nos preços externos de venda dos produtos enfraquecendo sua competitividade no mercado internacional (GONÇALVES; LUZ NETO, 2010).

Relaciona-se a retração das exportações brasileiras entre 2014 e 2016, observada na Figura 2, à queda na taxa de abate de animais no período. Este resultado pode ser explicado pela crise econômica⁹ que permeou os anos analisados. Neste momento, houve uma mudança nos padrões de consumo o que reduziu a demanda interna por carne vermelha no país (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - FGV, 2019).

De forma geral, ao se comparar as taxas de crescimento dos fluxos de exportação de carne bovina congelada dos anos de 2009 e 2019, mostrados na Figura 2, o Brasil apresentou um crescimento de 112,91%, enquanto a Austrália, apresentou um crescimento de 158,72% no mesmo período, um resultado positivo e superior ao observado para o Brasil. Com isso, notou-se que, durante o período investigado, as exportações australianas tiveram maior taxa de crescimento em relação às brasileiras.

4.2 Vantagens comparativas reveladas

A Tabela 1 mostra os resultados do IVCR de carnes e miudezas e também de carne bovina congelada, para o Brasil e a Austrália, entre os anos de 2009 e 2019. A análise dos resultados apontados na Tabela 1 revelaram que, durante todo o

⁹ A crise econômica identificada pelo relatório da Fundação Getúlio Vargas refere-se à crise econômica brasileira enfrentada entre 2014 a meados de 2017 que é o resultado dos efeitos combinados de choques de oferta e demanda causados por erros de política econômica. Esses choques constatam-se ter reduzido a capacidade de crescimento da economia brasileira (BARBOSA FILHO, 2017).

período, Brasil e Austrália apresentaram vantagem comparativa revelada para ambos os produtos, com índices superiores à unidade.

Tabela 1 – Índice de vantagem comparativa revelada do Brasil e da Austrália, período 2009-2019

Carne e Miudezas (02)											
País/Anos	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Brasil	9,1	9,2	8,2	8,9	9,3	9,8	9,9	9,6	9,1	8,3	9,4
Austrália	4,7	4,5	4,2	4,5	5,0	6,2	7,5	6,1	5,5	6,0	5,9

Carne Bovina Congelada (0202)											
País/Anos	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Brasil	18,5	17,2	13,7	15,1	16,1	16,7	15,1	15,4	15,9	14,9	16,7
Austrália	13,0	11,2	10,8	11,5	12,3	14,7	17,4	13,7	11,8	12,3	12,1

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Tabela 1, os resultados do IVCR demonstraram que o Brasil apresentou, na maioria dos anos, tanto para carnes e miudezas quanto para carne bovina congelada, valores superiores comparativamente à Austrália. Ambos os países admitiram vantagens comerciais na exportação de carnes para o mercado internacional, sobretudo, no mercado internacional de carne bovina congelada.

Entre 2009 e 2011, conforme evidenciado na Tabela 1, o índice sofreu declínio no IVCR da Austrália para os dois produtos analisados e para o Brasil somente para carne bovina congelada. Esta queda pode ser possivelmente explicada por fatores como a crise econômico-financeira de 2008 e, principalmente, pelas barreiras sanitárias relacionadas à carne bovina do Brasil que refletem negativamente nos fluxos de exportações do país (MENEZES; BACHA, 2020).

Os resultados exibidos na Tabela 1 permitiram também observar que de 2011 até 2014 o IVCR do Brasil e da Austrália, para carnes e miudezas e carne bovina congelada, cresceu. Porém, entre 2014 a 2015, a dinâmica nos dois países no comércio de carne bovina congelada apresentou um desempenho diferente onde registrou-se uma diminuição no índice brasileiro e um aumento relativamente superior no índice australiano. Quando analisados somente o índice para carne bovina congelada, em 2015, percebe-se que o Brasil demonstrou valores inferiores,

apresentando um IVCR de 15,1, com um decréscimo de 9,83% em relação a 2014. Em contrapartida, a Austrália apresentou um IVCR de 17,4, representando um crescimento no índice de 17,92% em relação ao ano anterior.

Apesar do índice para carne bovina congelada, no ano de 2015, apresentar direções opostas para os países, ele revela que tanto o Brasil quanto a Austrália apresentaram vantagem comparativa revelada (valor superior a unidade). Contudo, a Austrália apresentou custo de oportunidade inferior ao do Brasil, uma vez que seu IVCR foi maior. Esse resultado corrobora o modelo teórico apresentado por David Ricardo, discutidos no tópico 2.1, no qual países com menor custo de oportunidade apresentam maior vantagem comparativa.

Na Tabela 1, analisando o índice para carnes e miudezas no ano de 2015, verificou-se que a Austrália e o Brasil continuaram com aumento contínuo de desempenho desde 2011. Portanto, mesmo com a mudança ocorrida no mercado de carne bovina congelada, observou-se que a dinamicidade não afetou intensamente a competitividade das exportações de carnes e miudezas brasileiras, apresentando um IVCR superior ao australiano.

Posteriormente, entre 2016 e 2018, o Brasil sofreu com uma diminuição contínua em relação aos anos anteriores no valor do seu índice para carnes e miudezas, conforme resultados mostrados na Tabela 1. Apesar do país continuar apresentando vantagem comparativa no período, seu índice para este produto reduziu de 9,6 em 2016 para 8,3 no ano de 2018. Em se tratando de carne bovina congelada, a Tabela 1 também mostra que, em 2016, o IVCR brasileiro aumentou 2,06% em relação ao seu ano anterior.

A Austrália apresentou uma retração maior, de 19,36% em 2016 em relação a 2015 para carnes e miudezas. Porém, o mesmo aconteceu para a carne bovina congelada com uma retração de 21,03%. De 2016 a 2018, ambos os produtos apresentaram uma tendência de queda, possivelmente atribuída à dificuldade em manter os preços competitivos mediante o custo elevado na produção (MEAT & LIVESTOCK AUSTRALIA, 2019).

Com o intuito de gerar resultados mais expressivos, verificou-se também as taxas anuais médias de crescimento para o Brasil e para a Austrália para os dois produtos investigados. No caso brasileiro, notou-se que a taxa anual média de crescimento do índice para carnes e miudezas foi igual a 1%. Já para carne bovina

congelada, o IVCR brasileiro cresceu cerca de 2,67% ao ano entre 2009 e 2019. Quanto ao índice australiano, observou-se que a taxa anual média de crescimento foi de cerca de 3,33% para carnes e miudezas e de -1,51% para carne bovina congelada.

Assim, esses resultados ressaltam que apesar do Brasil exibir valores superiores para o IVCR em relação a Austrália tanto para carnes e miudezas como para carne bovina congelada por praticamente todo o período, a Austrália vem demonstrando maior crescimento médio anual no IVCR de carnes e miudezas. De maneira contrária, verificou-se que o Brasil vem se tornando cada vez mais competitivo no comércio internacional de carne bovina congelada exibindo maior vantagem comparativa em relação a seus competidores, como a Austrália, por exemplo.

Grosso modo, conforme evidenciado na Tabela 1, observou-se que o Brasil possui maior vantagem comparativa revelada em relação a Austrália na exportação de carnes e miudezas e também em sua desagregação, carne bovina congelada, entre 2009 e 2019 (exceto para o ano de 2015). Neste contexto, em conformidade com a teoria ricardiana, pôde-se inferir que o Brasil detém custo de oportunidade inferior ao da Austrália na produção de carnes e miudezas; e que, para a maioria dos anos, o Brasil também possui menor custo de oportunidade na exportação de carne bovina congelada. Assim, ele apresenta maior vantagem comparativa para ambos os produtos em relação a Austrália.

4.3. Grau de concentração das exportações brasileiras e australianas de carnes

Nesta subseção, apresenta-se os resultados referentes ao grau de concentração das exportações de carnes brasileiras e australianas para os principais destinos nos anos de 2009 e 2019. Pontualmente, a Tabela 2, a seguir, exhibe os resultados do índice CR_4 . Em outras palavras, a razão de concentração das exportações de carnes e miudezas para os quatro principais mercados atendidos pelo Brasil e pela Austrália nos anos inicial e final da amostra investigada neste estudo.

Tabela 2 - CR₄ das exportações de carnes e miudezas da Austrália e Brasil, ano 2009 e 2019

País / Ano		2009		2019	
		Países	%	Países	%
Brasil	Rússia		16%	China	30%
	Hong Kong		13%	Hong Kong	11%
	Arábia Saudita		8%	Arábia Saudita	6%
	Japão		6%	Emirados Árabes Unidos	6%
CR₄		44%		52%	
Austrália	Japão		32%	China	33%
	Estados Unidos		21%	Estados Unidos	20%
	Coreia do Sul		9%	Japão	14%
	Indonésia		3%	Coreia do Sul	14%
CR₄		66%		82%	

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir da Tabela 2, observou-se que ocorreu um aumento, entre 2009 e 2019, na concentração das exportações de carnes e miudezas para os quatro principais destinos deste produto oriundo do Brasil e da Austrália. Além disso, constatou-se uma tendência de destinos específicos para as exportações brasileiras e australianas, nos anos de 2009 e 2019, uma vez que ocorreram poucas mudanças nos principais importadores.

Em 2009, por exemplo, grande parte das exportações brasileiras de carnes e miudezas foram direcionadas a Rússia (16%), a Hong Kong (13%), a Arábia Saudita (8%) e ao Japão (6%). Ou seja, 44% do total exportado pelo Brasil de carnes e miudezas estavam, neste ano, concentradas nestas economias. Já em 2019, notou-se uma mudança no principal destino das exportações brasileiras de carnes e miudezas. A China ganhou forte espaço, recebendo cerca de 30% das exportações brasileiras do bem analisado. Este valor se torna ainda mais expressivo ao se considerar a parcela destinada ao território chinês de Hong Kong, totalizando cerca de 41%.

Em 2009, o Brasil atendeu em menor escala o Japão com a comercialização de carnes e miudezas. Contudo, a Austrália exportou um volume maior para este país, configurando-o como um dos seus importadores mais significativos no bem analisado. Historicamente, a Austrália vem servindo os mercados consumidores

japonês, estadunidense e coreano (UN COMTRADE, 2021). Os resultados apontados na Tabela 2 para o CR₄ demonstraram que cerca de 66% do volume exportado de carnes e miudezas pela Austrália, em 2009, eram destinados a esses três países, além da Indonésia. Em 2019, este parceiro comercial deixou o grupo dos líderes e deu espaço para um forte demandante mundial, a China. O resultado do CR₄ para a Austrália comprovou, na Tabela 2, que cerca de 33% das exportações foram destinadas, em 2019, a esse importante parceiro comercial, seguido dos Estados Unidos (20%), do Japão (14%) e da Coreia do Sul (14%). Em outras palavras, cerca de 82% do total exportado pela Austrália de carnes e miudezas foram destinados a este grupo de países.

Quanto à concentração das exportações de carnes e miudezas dos dois países aponta-se que a variação do índice entre os anos de 2009 e 2019 para o Brasil foi de 18,2%, enquanto a Austrália foi de 24,2%. Assim, o desempenho desses resultados pode estar relacionado ao aumento da parcela asiática, que passou a integrar mais expressivamente as economias importadoras de carnes e miudezas brasileiras e australianas.

Conforme evidenciado na Tabela 2, observou-se que as exportações de carnes e miudezas brasileiras, nos anos de 2009 e 2019, estão moderadamente concentradas para seus quatro principais destinos. Assim, entende-se, por exemplo, que a concorrência no mercado de carnes e miudezas foi mais intensa. Em outras palavras, as exportações brasileiras de carnes e miudezas foram mais bem distribuídas entre seus parceiros comerciais.

Já as exportações da Austrália estão altamente concentradas para seus quatro principais destinos. Assim, esses resultados permitiram inferir que elevadas parcelas das exportações australianas de carnes e miudezas atendem mercados específicos no comércio internacional. Este fato pode dificultar que outras economias importem carnes e miudezas oriundas da Austrália que, ao longo do tempo, pode ter adquirido maior grau de diferenciação do produto visando contemplar especificidades importantes para os destinos das exportações, como a qualidade da carne (reconhecida por selos), cortes específicos e espécies de animais (ATLAS OF ECONOMIC COMPLEXITY, 2020).

Adicionalmente, a Tabela 3 apresenta os resultados referentes ao grau de concentração das exportações de carne bovina congelada brasileiras e australianas para seus principais destinos nos anos de 2009 e 2019.

Tabela 3 - CR₄ das exportações de carne bovina congelada da Austrália e Brasil, ano 2009 e 2019

País / Ano		2009		2019	
		Países	%	Países	%
Brasil	Rússia		34%	China	48%
	Irã		13%	Hong Kong	13%
	Hong Kong		12%	Egito	8%
	Egito		8%	Irã	4%
CR₄		66%		73%	
Austrália	Estados Unidos		32%	China	33%
	Japão		28%	Estados Unidos	20%
	Coreia do Sul		14%	Japão	14%
	Indonésia		6%	Coreia do Sul	14%
CR₄		79%		82%	

Fonte: Elaborado pelos autores.

Verificou-se, por meio dos resultados da Tabela 3, que as exportações de ambos os países mostraram nos dois anos em análise uma concentração mais elevada para a carne bovina congelada. Observou-se, novamente, uma grande demanda dos asiáticos pelas carnes australiana e brasileira, agora direcionada a desagregação em carne bovina congelada principalmente no ano de 2019.

Em 2009, o Brasil atendeu a Rússia em maior escala para carnes e miudezas (Tabela 2), e também para carne bovina congelada (Tabela 3). Esse resultado configurou a Rússia como um dos parceiros comerciais mais relevantes neste ano para o Brasil. Os resultados apontados na Tabela 3 para o CR₄ demonstraram que cerca 66% do volume exportado de carne bovina congelada foram destinados a Rússia (34%), seguidos pelo Irã (13%), Hong Kong (12%) e o Egito (8%), inferindo-se como uma concentração moderada alta.

Em 2019, a mudança dos destinos para o Brasil foi com uma parcela maior para os asiáticos com 48% somente para a China e 13% para o território chinês de Hong Kong. Na Tabela 3, ao analisar estes dois destinos conjuntamente, os

resultados demonstraram que mais de 50% do volume exportado de carne bovina congelada foi enviado somente para a China e Hong Kong, o restante das parcelas ficou dividido entre outros dois países, Egito e Irã, que juntos somaram 12%. Através da Tabela 3, percebeu-se também que, em 2019, cerca de 73% das exportações brasileiras de carne bovina congelada eram destinadas aos quatro principais parceiros comerciais do país.

Tendo em vista os aspectos observados, as exportações brasileiras de carne bovina congelada estão mais concentradas para seus quatro principais destinos do que as exportações de carnes e miudezas, conforme observado na Tabela 2. Ressalta-se, por exemplo, que a ocorrência de uma redução ou escassez de oferta de um referido bem pode representar uma dificuldade quando as exportações estão concentradas em certos destinos. Visto que os mercados são altamente competitivos, uma redução das exportações brasileiras poderia ser compensada por outros competidores como Estados Unidos e a Austrália, por exemplo (NONNENBERG, 2017).

Por sua vez, a Austrália, em 2009, possuía 79% de suas exportações de carne bovina congelada concentradas aos mesmos mercados de carne e miudezas (Tabelas 2 e 3), ou seja, este país não teve mudança nos destinos mesmo quando analisada a desagregação da carne bovina congelada. Os mesmos importadores de carnes e miudezas mantiveram-se para carne bovina congelada, mudando somente suas parcelas de mercado.

Compreende-se também que o CR₄ da Austrália aumentou em 2019 em relação a 2009, passando de 79% para 82%. Entre os anos investigados, notou-se a saída da Indonésia do grupo dos quatro principais parceiros e a entrada da China. Essa mesma mudança ocorreu em carnes e miudezas (Tabela 2), o que pode representar um indicativo positivo no que tange às relações diplomáticas e comerciais entre esses países.

Os resultados encontrados para as exportações brasileiras neste estudo estão em consonância com Menezes e Bacha (2020). Os autores também identificaram que as exportações brasileiras de carne bovina congelada são, em grande parte, destinadas a economias como China, Hong Kong e Estados Unidos. Em virtude disso, é necessário atentar-se para a alta concentração, pois quaisquer

fatores de “estresse” sobre os mercados podem causar queda acentuada nas exportações. Nessas circunstâncias, o Brasil deve continuar buscando oportunidades de entrar em novos mercados compradores e ocupar destinos de exportação.

Já os resultados encontrados para as exportações australianas, neste estudo, estão em conformidade com o estudo realizado por Greenwood *et al.* (2018) que identificaram que a partir de 2009 as exportações australianas apresentaram um rápido crescimento das exportações para China, denominando-o como a ‘Era da Ásia em Desenvolvimento’. Os autores identificaram que alguns países promovam a manutenção e/ou crescimento dos mercados existentes, a exemplo dos Estados Unidos e o Japão, que garantem o crescimento da indústria de exportação de carne bovina australiana e, ao mesmo tempo, possibilita uma diversificação e uma ampla variedade de mercados de exportação em todo o mundo.

Conforme as Tabelas 2 e 3, averiguou-se, assim, que as exportações brasileiras de carnes e miudezas foram menos concentradas nos quatro principais destinos do que para carne bovina congelada. Já para a Austrália, observou-se grau similar de concentração das exportações de ambos os produtos nas quatro principais economias parceiras do país entre os anos amostrados.

De modo geral, nota-se a partir dos resultados apontados nesta seção, que grande parte das exportações brasileiras e australianas de carnes foram demandadas por economias específicas. Dessa maneira, em consonância com as teorias apresentadas por Mason (1939) e Carlton e Perloff (2005), verificou-se que os países importadores de carnes brasileiras e australianas podem exercer poder de oligopsônio para ambos os produtos investigados nos anos de 2009 e 2019. Observou-se, também, que essa característica oligopsonista foi mais forte para a carne bovina congelada tanto para o Brasil quanto para a Austrália em 2009 e também em 2019.

Ressalta-se que o poder de oligopsônio pode implicar no aumento do controle dos preços (por parte dos países demandantes) e influenciar o desempenho dos países exportadores analisados. Estas economias, por exemplo, podem enfrentar exigências específicas de seus parceiros comerciais; e essas, por sua vez, têm o potencial de ameaçar o grau de competitividade das exportações. Nesse contexto, Marques (2017) destaca que os produtores (exportadores) se deparam com o

desafio de conquistar novos parceiros comerciais de modo a alcançar maiores níveis de competitividade externa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Austrália e o Brasil se destacam pela grande expertise na produção e exportação de carnes, principalmente bovina. Assim, este artigo teve como objetivo analisar a competitividade do comércio internacional de carnes brasileira e australiana entre o período de 2009 e 2019. Os principais resultados encontrados neste estudo forneceram uma visão ampla da competitividade desses dois países no comércio global de carnes, além de fornecer ferramentas para a melhor condução de políticas comerciais, como investimentos específicos no setor.

Notou-se que, os fluxos de exportação de carnes e miudezas e de carne bovina congelada refletiram um crescimento favorável para o Brasil e a Austrália. Através do índice de vantagem comparativa revelada, observou-se que os dois países frente o comércio de carnes e miudezas expuseram vantagens comparativas reveladas em todos os anos. Destaca-se, contudo, que o Brasil revelou ter valores mais elevados para o índice em relação à Austrália. No que tange a carne bovina congelada, constatou-se que os dois países também detiveram vantagens comparativas reveladas, apresentando uma competição mais acirrada para este produto. Notou-se a predominância de uma melhor performance brasileira em praticamente todo o período.

Quanto aos destinos dessas exportações, quando analisado o comércio internacional de carnes e miudezas, averiguou-se que as exportações australianas estão mais concentradas nos quatro principais destinos do que as brasileiras. Em contrapartida, para a carne bovina congelada, ambos os países possuem uma concentração mais elevada para o grupo de países líderes. Ressalta-se que, dentre os principais destinos das exportações da Austrália e do Brasil, o mercado consumidor asiático, apresenta uma grande parcela das importações nos dois produtos.

Assim, a concentração dos fluxos comerciais desses países está intimamente relacionada à condução da política externa do Brasil e da Austrália. E este trabalho demonstrou como as receitas de exportação de carnes do Brasil e da Austrália são

dependentes das demandas de importação desses parceiros. E que nesse sentido, cultivar essas boas relações pode trazer relações bilaterais ainda mais fortalecidas para a manutenção desse vínculo comercial.

Pesquisas futuras acerca do tema devem analisar o índice e considerar o período mais recente, o ano de 2020, à medida que as bases de dados de comércio internacional disponibilizem informações sobre os fluxos comerciais dos países abordados neste estudo. O ano de 2020, acometido pela pandemia do Sar-CoV-2, certamente, impactou de maneira bastante diferenciada as mais variadas economias e mercados globais. Muito possivelmente, o comportamento dos índices analisados neste estudo exibirá desempenho atípico em decorrência da severa crise sanitária e econômica enfrentada mundialmente, que pode vir a definir um novo padrão comercial para as nações.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fabrício; SILVA, Antônio. Índices de concentração: evidências empíricas à indústria de transformação cearense. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 35., 2015, Maceió. **Anais...** Maceió: Abepro, 2015. p. 1-14. Disponível em: http://www.abepro.org.br/biblioteca/TN_STO_208_233_28339.pdf . Acesso em: 15 out. 2020.

AREVALO, Jorge; ARRUDA, Dyego; CARVALHO, Josué. Competitividade no Comércio Internacional do Café: um Estudo Comparativo entre Brasil, Colômbia e Peru. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 18, n. 1, p. 62-78, 2016. Disponível em: <http://revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/888> . Acesso em: 15 out. 2020.

ATLAS OF ECONOMIC COMPLEXITY (Estados Unidos). Growth Lab at Harvard University (org.). **THE ATLAS OF ECONOMIC COMPLEXITY**. 2020. Elaborada por Harvard University. Disponível em: <https://atlas.cid.harvard.edu> . Acesso em: 20 jun. 2020.

BALASSA, Bela. Trade liberalization and “revealed” comparative advantage. **The Manchester School of Economic and Social Studies**, v. 33, n. 2, p. 99-123, maio 1965. Availability: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-9957.1965.tb00050.x>

BARBOSA FILHO, Fernando de Holanda. A crise econômica de 2014/2017. **Estudos Avançados**, v. 31, n. 89, p. 51-60, abr. 2017. FapUNIFESP (SciELO). Availability: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890006>

BEEFPOINT. **Mapa: Projeções do agronegócio 2009/10 a 2019/20. 2010.** Disponível em: <https://www.beefpoint.com.br/mapa-projecoes-do-agronegocio-200910-a-201920-61151/> . Acesso em: 12 nov. 2020.

BOECHAT, Andréia M. F.; ALVES, Alexandre. A POLÍTICA DE DEFESA DA CONCORRÊNCIA NO SETOR DE ABATE DE BOVINOS. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 45, n. 2, p. 112-124, 14 mar. 2014. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/revista/index.php/ren/article/view/102/81> . Acesso em: 10 maio 2020.

BRAGA, Helson; MASCOLO, João. Mensuração da concentração industrial no Brasil. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 12, n. 2, p. 399-354, ago 1982.

CARLTON, D W; PERLOFF, J M. **Modern Industrial Organization**. 4. ed. Boston: Pearson Adisson Wesley, 2005.

CARVALHO, L. H.; AGUIAR, D. R. D. Concentração de mercado e poder de monopólio na indústria brasileira de esmagamento de soja. **Revista de Economia e Agronegócio**, v. 3, n. 3, 2015. DOI: <https://doi.org/10.25070/rea.v3i3.61>

CARVALHO, Thiago. A ATRATIVIDADE DA PECUÁRIA BRASILEIRA. In: **Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada**. Piracicaba, SP, 22 jan. 2020. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/opiniao-cepea/atratividade-da-pecuaria-brasileira.aspx> . Acesso em: 3 mar. 2020.

CASAGRANDE, Dieison. **Ensaio em economia internacional: produtividade, intensidade dos fatores e abertura comercial**. 2018. 150 f. Tese (Doutorado em economia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/31730/1/TESE%20Dieison%20Casagrande.pdf> . Acesso em: 23 out. 2020.

COELHO, Rita Alexandra et al. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE COMÉRCIO INTERNACIONAL. In: ENCONTRO CIENTÍFICO DA IZES DO ISLA SANTARÉM, 3., 2017, Santarém. **Anais...** Portugal: Isla Santarém, 2017. p. 1-15.

DAS, Menory. Absolute and Comparative Advantage. In: DORITY JUNIOR, W. A. (Ed.). **International Encyclopedia of the Social Sciences**. Nova Iorque: Macmillan Reference USA, 2008.

DAVID, Ricardo. **Princípios de economia política e tributação**. Tradução de Paulo Henrique Ribeiro Sandroni. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

DILLY, Ryan; MASSUQUETTI, Angélica; FREITAS, Guilherme; FERNANDES, Jean. Exportações Mundiais de Milho: Um Estudo da Competitividade e do Grau de Concentração do Brasil e dos Estados Unidos Da América (EUA) no Período 2000/2014. **Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**, v. 11, n. 1, p. 1-19, 30 mar. 2017.

DINIZ, Adriana. Vantagem comparativa revelada da agroindústria nacional no período de 2003 – 2014. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, v.38, n.132, p.91-105, jan./jun. 2017.

DORNELES, Tathiane; DALAZOANA, Francisca; SCHLINDWEIN, Madalena. Análise do Índice de Vantagem Comparativa Revelada para o Complexo da Soja Sul-Mato-Grossense. **Revista de Economia Agrícola**, São Paulo, ano 20113, v. 60, ed. 1, p. 5-15, jan./jun. 2013.

FARRELL, Roger. Livestock and Products Annual. **Global Agricultural Information Networking**, Austrália, p. 1-16, 9 jul. 2016. Disponível em: https://apps.fas.usda.gov/newgainapi/api/report/downloadreportbyfilename?filename=Livestock%20and%20Products%20Annual_Canberra_Australia_9-7-2016.pdf . Acesso em: 6 fev. 2021.

FAVARETTO, Leticia; FAVARETTO, Juliana; GELATTI, Elisangela; ARRUDA CORONEL, Daniel. Competitividade das exportações brasileiras de carne suína (1999- 2017). **Revista Unimat de Contabilidade**, 20 fev. 2019. DOI: <https://doi.org/10.30681/ruc.v7i14.3288>

FGV, Fundação Getúlio Vargas. **O SETOR DE CARNES NO BRASIL: E SUAS INTERAÇÕES COM O COMÉRCIO INTERNACIONAL**, [S. /], p. 1-68, 2019. Disponível em: https://gvagro.fgv.br/sites/gvagro.fgv.br/files/u115/03_Setor_Carnes_Brasil_PT.pdf . Acesso em: 21 jan. 2021.

GALLE, V.; RACHOR, E.; ARRUDA CORONEL, D.; MACHADO PINTO, N. G.; COSTA, N. L. Vantagem comparativa revelada da indústria da carne de frango brasileira e dos principais players (2009-2016). **Revista Eletrônica Científica da UERGS** , v. 6, n. 1, p. 42-53, 5 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.21674/2448-0479.61.42-53>

GONÇALVES, J.R.; LUZ NETO, N.K. da. Desafios para as exportações brasileiras de carne bovina. **Informações Econômicas**, v.40, p.17-23, 2010.

GREENWOOD, Paul et al. Current situation and future prospects for the Australian beef industry. **Revista Asian-Australasian journal of animal sciences**, v.31, n.7, 2018. DOI: 10.5713/ajas.18.0090

HERMIDA, C. do C.; XAVIER, C. L. Competitividade internacional do Brasil à luz da fragmentação da produção e das cadeias globais de valor. **Revista Brasileira de Inovação**, Campinas, SP, v. 17, n. 2, p. 345–376, 2018. DOI: <https://doi.org/10.20396/rbi.v17i2.8649881>

KRUGMAN, Paul; OBSTFELD, Maurice. **Economia internacional**. Pearson Educación, 2015.

LUIZ, Beatriz; OLIVEIRA, Elane. Uma Análise das Vantagens Comparativas das Exportações Do Estado do Amazonas com o Brasil, No Período De 2000-2018. **RDE-Revista de Desenvolvimento Econômico**, v. 2, n. 46, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.36810/rde.v2i46.6481>

MAPA, **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento** (org.). Agroenergia. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br> . Acesso em: 14 fev. 2020.

MARQUES, Marcos et al. A Competitividade da Carne Bovina de Mato Grosso do Sul: uma Análise das Vantagens Comparativas Reveladas. **Revista do CCEI**, v. 22, n. 37, p. 1-18, 2017. DOI: 10.37423/200100123

MASON, E. S. (1939). *Price and Production Policies of Large-Scale Enterprise*. **The American Economic Review**. Pittsburgh, v. 29, n.1, p. 61-74., 1939.

MEAT AND LIVESTOCK AUSTRALIA. (org.). **Global Snapshot L Beef. Austrália**. p. 1-8, 2019. Elaborada por MLA. Disponível em: <https://www.mla.com.au/globalassets/mla-corporate/prices--markets/documents/os-markets/export-statistics/jan-2019-snapshots/global-beef-snapshot-jan2019.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2020.

MENEZES, Taís; BACHA, Carlos. Mudanças nos destinos das exportações brasileiras de carne bovina. **Revista Política Agrícola**, n. 2, abr./maio/jun. 2020. Disponível em: <https://seer.sede.embrapa.br/index.php/RPA/article/view/1525/pdf>. Acesso em: 8 fev. 2021.

NONNENBERG, Marcelo. Setor Externo: Evolução recente das exportações de carnes brasileiras. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)**, 2017. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7911/3/cc34_setor-externo_exporta%C3%A7%C3%B5es.pdf. Acesso em: 14 fev. 2021.

PROCÓPIO, Diego; CORONEL, Daniel; LÍRIO, Viviani. Competitividade do mercado internacional de carne bovina: Uma análise dos mercados brasileiro e australiano.

Revista de Política Agrícola, ano XX, n. 2, p. 40-51, 18 maio 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/particular/Documents/58-182-1-SM.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2020.

PWC (Pricewaterhousecoopers). **The Australian Beef Industry: The Basics**. 2011. Disponível em: <https://www.pwc.com.au/industry/agribusiness/assets/australian-beef-industry-nov11.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2021.

RUBIN, Luciane; ILHA, Adayr; WAQUIL, Paulo. O comércio potencial brasileiro de carne bovina no contexto de integração regional. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 46, n. 4, p. 1067-1093, 2008.

SAATH, Kleverton; FACHINELLO, Arlei Luiz. Crescimento da demanda mundial de alimentos e restrições do fator terra no Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 56, n. 2, p. 195-212, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1234-56781806-94790560201>

SATEL, Clécia. Competitividade e vantagem comparativa revelada dos principais produtos exportados por Goiás, 2000 a 2016: Estudos do IMB - novembro de 2017. **Instituto Mauro Borges**, Goiás, p. 1-16, 2017.

SCOLARI, Dante Daniel Giacomelli. Produção agrícola mundial: o potencial do Brasil. In: SCOLARI, Dante Daniel Giacomelli et al. **Visão progressista do agronegócio brasileiro**. 25. ed. Brasília: Fundação Milton Campos, 2006. p. 9-86.

SISCOMEX. **Vendas externas do agronegócio somam US\$ 96,8 bilhões em 2019**. Disponível em: <http://www.siscomex.gov.br/vendas-externas-do-agronegocio-somam-us-968-bilhoes-em-2019/>. Acesso em: 12 abr, 2020.

SMITH, Aidan. **Report highlights meat business decline**, 2019. Disponível em: <https://www.farmweekly.com.au/story/6442753/report-highlights-meat-business-decline/> . Acesso em: 3 fev. 2021.

TRENDECONOMY. **World Merchandise Exports and Imports by Commodity (HS02): meet** (Base de dados). Disponível em: https://trendeconomy.com/data/commodity_h2 . Acesso em: 8 out. 2020.

TRIPOLI, Angela Cristina Kochinski; PRATES, Rodolfo Coelho. **Comércio Internacional: teoria e prática**. Curitiba: Intersaberes, 2016.

UN COMTRADE. **United Nations Commodity Trade Statistics**. Disponível em: <https://comtrade.un.org/>. Acesso em: 10 out. 2021.

USDA, United States Department of Agriculture (Org.). **Livestock and Poultry: world markets and trade**, 2020. Disponível em: https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/livestock_poultry.pdf . Acesso em: 10 out. 2020.

VICENSOTTI, J. M.; SANJUAN MONTEBELLO, A. E.; MARJOTTA-MAISTRO, M. C. Competitividade brasileira no comércio exterior da carne bovina. **Revista IPecege**, v. 5, n. 1, p. 7–18, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22167/r.ipecege.2019.5.7>

WAQUIL, Paulo; MIELE, Marcelo; SCHULTZ, Glauco. **Mercados e comercialização de produtos agrícolas**. Plageder, 2010.

WESSELING, Rindert. **Impacto da Organização Mundial do Comércio no crescimento econômico**: Eficácia das políticas da OMe na luz do entendimento atual sobre crescimento e comércio internacional. 2004. 95 p. Dissertação (Mestrado em Administração) - FGV/EAESP, São Paulo, 2003. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/5521/1200400823.pdf?sequence=1> . Acesso em: 12 ago. 2020.